



PROJECTO DE LEI N.º 336/X

ELEVAÇÃO DE VILA DE BORBA, NO CONCELHO DE BORBA, À CATEGORIA DE CIDADE

Exposição e motivos

A Vila de Borba é a sede do concelho de Borba, pertencente ao distrito de Évora, que abrange cerca de 14 500 ha e composto por quatro freguesias: Matriz (4.123 ha), Orada (5.083 ha), Rio de Moinhos (5.292 ha) e São Bartolomeu (14 ha).

O Concelho de Borba é um Concelho do Alentejo, no extremo norte do Distrito de Évora, confrontando a Norte e nascente com o Distrito de Portalegre e o Concelho de Vila Viçosa, a Sul com os municípios do Alandroal e Redondo e a poente com o Concelho de Estremoz.

Situa-se na "Zona dos Mármore", designação porque é conhecida esta sub- região do Alentejo, que possui uma especificidade própria dada pela especialização que apresenta a actividade económica que lhe dá o nome: extracção e transformação de mármore.

Do ponto de vista da sua localização geográfica no contexto da rede urbana, a Vila de Borba está numa posição equidistante entre dois centros urbanos de âmbito regional, que são Évora, Portalegre e Badajoz (cerca de 50 Km de distância a cada um dos centros), bem como da Barragem do Alqueva.

O concelho apresenta-se heterogéneo relativamente à ocupação do espaço. Assim, temos uma área, para norte da EN 4, quase totalmente constituída pela freguesia da Orada, pouco povoada, e onde predomina a actividade agrícola, com culturas cerealíferas, bem como a cultura da vinha. Uma faixa central compreendida entre a EN 4 e a Serra de Ossa, abrangendo as freguesias de S. Bartolomeu, Matriz e a quase totalidade da Freguesia de Rio de Moinhos, onde predomina a cultura da vinha e do olival, aliada às culturas de leguminosas e criação extensiva de gado. Além destas

encontramos também uma importante actividade industrial ligada à extracção e transformação de mármore. Uma zona sul, entre o CM 1042 e o limite do Concelho, integrada na freguesia de Rio de Moinhos, zona montanhosa, praticamente despovoada e onde predomina a actividade florestal, é particularmente área de montado, aliada à criação extensiva de gado, que fornece matéria prima à importante actividade de laticínios.

Origem da Povoação

De origem antiquíssima, nome “Borba” tem sido motivo para grande especulação. De origens bem remotas, a tradição aponta como justificação para tal, o facto de ter sido encontrado, numa fonte existente no Castelo da Vila de Borba, um grande barbo (peixe de água doce). Ora, no decurso do tempo, o nome “*Barbo*” teria degenerado para “*Borba*”. Outra das explicações assenta na palavra grega “*Borboros*”, que significa “lama no fundo de água estagnada”.

A maior parte das notícias que até nós chegaram sobre a origem da povoação são pouco conclusivas. Pouco se sabe dos primeiros habitantes apenas podemos tecer algumas conjecturas. As condições naturais que envolvem o concelho sugerem a facilidade de fixação de grupos humanos. A hipótese de que outros habitantes anteriores aos Celtas, povoassem o “ameno vale circular”, onde se circunscreve a vila de Borba, não deixa de ser bastante lógica. O Padre Joaquim Anselmo (autor da única monografia existente sobre o concelho), já sugeria tal, assim, “a fundura das suas raízes”, de que fala Jaime Cortesão, pode bem ser atribuída à época neolítica, de acordo com os achados arqueológicos.

Alguns autores atribuem a fundação de Borba aos Galo- Celtas, por volta do ano 974 a c ou 306 a c. Esteve sob o domínio Romano, Godo e Árabe.

Criação e Evolução do Concelho

Em 1217, no reinado de D. Afonso II, é tomada aos Árabes, pela Ordem Militar de Avis. D. Dinis atribui-lhe Foral em 1302. A área do concelho (circunscrita no Foral) era bastante inferior aos actuais limites. Faltava-lhe quase toda a área correspondente à freguesia de Rio de Moinhos (pertença do concelho de Estremoz, à altura), contudo, possuía duas pequenas parcelas das freguesias de Terrugem (Elvas) e dos Arcos (Estremoz). O Barbo foi escolhido como distintivo do concelho, na altura de concessão do Foral.

Foi também D. Dinis quem promoveu o amuramento acastelado da povoação. O castelo dispunha-se em planta quadrilateral e a sua construção obedeceu as sistema corrente das fortificações similares da região. De grossa alvenaria, tinha amuramento espesso em altura normal, coroado por merlões góticos e de largo adarve que corria a muralha. O fosso, pouco profundo, desapareceu com a construção do casario que se foi desenvolvendo na face exterior. Pelos inícios do Séc. XVIII, o governo militar da província determinou envolver a vila por um campo entrincheirado, com fossos, estacaria e estradas cobertas, obra que foi apenas esboçada e de que ainda existiam vestígios em 1766. Do castelo, edificado ou remodelado do Séc. XIII, conserva-se a torre de menagem e duas portas, a de Estremoz e a do Celeiro.

Pouco se sabe de Borba, do período que medeia a concessão de Foral (reinado de D. Dinis) e final do reinado de D. Fernando. A principal causa desta lacuna parece ser a destruição do cartório da Câmara, por D. João de Áustria, quando tomou o Castelo, durante a Guerra da Restauração. Ora, foram tempos difíceis para o concelho, os anos da crise de 1383 - 1385, a vila sofreu forte ruína com a passagem das tropas inglesas do Duque de Lencaster, que acolhido como aliado e amigo, procedeu como em país conquistado, ultrajando espoliando e roubando os alentejanos. Finda a crise, Borba é doada (com outras terras alentejanas) a D. Nuno Álvares Pereira.

O século XV corresponde a grande período de expansão. Tal como sucedeu por todo o país, com os Descobrimentos Portugueses, Borba viu a sua população prosperar, em número e riqueza. No reinado de D. Manuel, em 1512, é-lhe atribuído novo Foral (a 1 de Junho).

O domínio Filipino, a Guerra da Restauração e as sistemáticas incursões das tropas castelhanas, comandadas por D. João de Áustria, o concelho arruinou-se e perdeu população. Desta altura fica a memória de um acontecimento notável da nossa história, o enforcamento do governador do castelo, Rodrigo da Cunha Ferreira, e de mais dois capitães portugueses da guarnição, no verão de 1662, após a invasão vitoriosa do exército de D. João da Áustria. Este terá mandado cometer o atroz acto como vingança pela morte de três capitães, um sargento e 20 soldados das suas forças, além de 50 feridos. A memória dos povos guardou a efeméride na tradição toponímica, com a "Rua dos Enforcados", que passou depois a chamar-se Rua Direita. Não contente com a sua represália, D. João da Áustria mandou ainda incendiar os Paços do Concelho e o Cartório Municipal, perdendo-se todos os manuscritos antigos da história de Borba.

Em 1665, Borba esteve ocupada por três regimentos de infantaria e um terço de cavalaria, e a população sofreu novamente o pânico da terrível invasão, que desmoronou no campo de Montes Claros, com a derrota dos exércitos de Filipe IV.

A Batalha de Montes Claros (a 17 de Junho de 1665) travada em solo borbense, marca a derrota dos castelhanos nas Guerras da Restauração. Pela Vila e concelho são inúmeros os elementos alusivos à Batalha e ao comandante das tropas portuguesas, o Marquês de Marialva.

Assinada a paz, o concelho de Borba prosperou. Activou-se a cultura dos cereais, aumentou-se a área de olival e multiplicaram-se os vinhedos, firmando-se mais no país a já antiga fama dos seus vinhos. Desta época, salientam-se as construções da Fonte das Bicas, os Paços do Concelho e vários Palácios.

O princípio do século XIX marca, para Borba, uma fase de infortúnios com a Primeira Invasão Francesa. Durante a Guerra Peninsular levantou-se em Borba um grupo de milicianos que figurou na defesa de Évora, em 29 de Junho de 1808. Pouco depois, entre 1809 e 1811, na vila alojou-se uma brigada escocesa do exército anglo-luso de Beresford.

Pela Reforma Administrativa de 1834, os limites concelhios foram alterados com a anexação da freguesia de Rio de Moinhos e perda de pequenas áreas das localidades de Arcos e Terrugem.

Em 1895, o concelho foi extinto e anexado a Vila Viçosa, no entanto, é restaurado três anos mais tarde, pelo Decreto de 13 de Janeiro de 1898.

Património

Natural ou construído, o património existente, no concelho de Borba, é rico. Pequenos pormenores e a beleza das linhas fazem a diferença. Na zona Alentejana dos mármorees, aquilo que marca a paisagem são as pedreiras, a vinha, as oliveiras, os pomares, a terra castanha e fértil, as lagoas e albufeiras. As casas brancas, as ruas limpas de se poder olhar com prazer. Os montes, as elevações, a Serra d'Ossa. Os povoados que salpicam de pontos brancos a paisagem. O património construído é ele mesmo também diversificado constituído por marcos assinaláveis. A Fonte das Bicas, a muralha medieval da Vila, os "Passos" da Via Sacra, o Convento das Servas, as igrejas e ermidas, o monumento alusivo à Batalha de Montes Claros, o Convento e a Quinta do Bosque, a Quinta do General e todo o património

arquitectónico particular em que o mármore abunda em formas artísticas que é preciso preservar.

Os dados históricos e patrimoniais aqui incluídos constam no PDM de Borba.

1 - O Castelo:

O castelo ou cerca medieval da Vila de Borba, foi fundado por D. Dinis no ano de 1302. Está classificado como imóvel de Interesse Público pelo D.-L. n.º 41191 de 18/07/1959. Dispõe-se em planta quadrilateral e a sua construção obedeceu ao sistema corrente das fortificações similares da região, de grossa alvenaria com espesso muro de altura normal, coroado por merlões góticos e de largo adarve que corria por toda a muralha. O fosso, pouco profundo, desapareceu com a construção do casario que se foi acumulando na face exterior. As únicas portas conhecidas dos historiadores são a Porta do Celeiro, a sul, e a porta de Estremoz, a ocidente. Ambas se encontram desprovidas dos arcos góticos e respectivos passadiços. A porta do Celeiro, actualmente constituída por um único torreão, dá acesso à Rua Rodrigo da Cunha Ferreira na qual existiu uma lápide latina referente a Júlio César. A porta de Estremoz dá acesso à Rua Maria de Borba. Esta fortificação sofreu a última grande transformação depois do terramoto de 1755, quando da construção da Torre do Relógio, de secção rectangular, de pedra do sítio e rematada por cúpula bolbosa, embandeirada.

2 - Paços do Concelho

Desconhecemos a localização da primitiva Câmara da vila de Borba, que, a exemplo de outras terras fortificadas, se situava dentro das muralhas e, segundo alguns autores em dependências contíguas às Torres de Menagem e do Relógio. Mais tarde e até 1797, o Senado funcionou num imóvel da Praça D. Carlos, hoje chamada Praça do Povo, defronte do Castelo.

Hoje em dia, a Câmara funciona em lugar fronteiro à Praça da República, num edifício de dois pisos e dividido em três corpos formando um "U", respeitando um critério que na arquitectura civil portuguesa era frequente desde o Séc. XVII. As paredes são de grossa alvenaria, em grande parte aproveitada dos derrubados muros do Castelo.

O telhado é de quatro águas, donde rompem regulares mansardas de falsa platibanda e de aberturas emolduradas dentro da tradição pombalina.

Os quatro cunhais angulares são decorados nos acrotérios por elegantes pináculos em mármore que juntamente com as mansardas, quebram a monotonia aparente das coberturas.

As aberturas das faces laterais são de peitoril, mas as da fachada principal, fronteira à Praça da República, compreensivelmente a mais rica do edifício, ostenta três portais do R/C e sete balcões de sacada no primeiro andar.

3 - Fonte das Bicas

A Fonte das Bicas é o mais notável monumento civil da vila, e no seu género e época, dos mais belos do País. Se há monumento que sirva de "ex-libris" á vila de Borba, há-de ser a Fonte das Bicas a tomar primazia. Localizada na Praça da República, esta monumental fonte foi edificada em 1781, a expensas do Município, e consagrada aos reis consortes D. Maria I e D. Pedro III, deve-se ao risco do engenheiro José Álvares de Barros e aos escultores António Franco Painho e um dos irmãos Velez, artista de Borba. Está classificada como Monumento Nacional segundo o D.L. de 16/06/1910. A actual Fonte das Bicas, sucedeu a outra com o mesmo nome que ficava sensivelmente onde se encontram plantados os copados plátanos da Praça da República, portanto mais próxima da Igreja Matriz. A Monumental fonte, toda construída em mármore branco de Montes Claros, assenta em passadeira lajeada e dois degraus recurvos, estando protegida por labirintos de balaústres em pedra e gradeamento férreo. A fonte dispõe de cinco carrancas: três servindo a taça principal e duas as taças laterais, mais pequenas. Encimando as taças laterais, rompem os bustos dos monarcas reinantes, D. Maria I e D. Pedro III, sendo o de D. Maria I o da nascente dos Finados. O elevado frontispício, ligeiramente arredondado, é dividido por quatro pilastras guarnecidas de grinaldas em alto relevo, presas a laços de estilo Luis XVI. Ao centro, ostenta a efígie da Rainha D. Maria I, em formoso medalhão elipsóide. A cornija, ornamentada por quatro pináculos flamejantes, ostenta em posição frontal e em destaque, o escudo coroado da Casa Real Portuguesa. A face posterior do frontispício, mais sóbria, conserva na cimalha o brasão de armas da Vila de Borba na sua expressão primitiva. Nas laterais da fonte e integrado no complexo, situa-se o vasto lago disposto em rectângulo, de elevados muretes de alvenaria e de rebordo marmóreo que se prolonga pelo Jardim Municipal de frondoso arvoredo. Acompanhando a margem sul do lago, localiza-se o chafariz do gado e outro tanque mais pequeno, o antigo lavadouro público, tudo em mármore branco.

Estes elementos são separados por um lancete de escadas que dá acesso ao rebordo do lago.

4 - Igreja Matriz de N.ª S.ª do Soveral ou de N.ª S.ª das Neves

A Igreja Matriz de Borba foi fundada em 1420, conforme atesta a lápide de mármore de caracteres góticos existente no seu interior, incrustada na parede do lado direito, junto à Capela da Conceição.

O actual edifício, do terceiro quartel do Séc. XVI, está isolado do casario e a sua fachada principal assenta em vasto adro de degraus marmóreos.

De sóbrias linhas de alvenaria ligeiramente escaiolada nas pilastras, com frontão triangular rematado pelo sinal do Redentor é amparado, a sul, por possante torre sineira quadrada, encimada por cúpula bolbosa, de construção posterior (segunda metade do Séc. XVIII). Da fachada destacam-se ainda o janelão adintelado e a portada de mármore estilo da Renascença, de arco pleno e molduras dóricas, encimada por medalhões cegos e ladeado por duas colunas coríntias. Os batentes de madeira, pregueados e de almofadas, estão datados na bandeira com ligeiro entalhe: 1849.

As fachas laterais oferecem as habituais características assimétricas provocadas pelas empenas das capelas que se foram acumulando na massa original do edifício quinhentista.

O interior do templo é de planta rectangular, com três naves e de seis tramos, incluindo o coro, de abóbadas de aresta suportadas por colunas de mármore da ordem toscana e embasamento quadrado. A iluminação faz-se através de janelões rasgados posteriormente. Nos alçados laterais mantêm-se as seis capelas do projecto inicial, todas abertas por arcos plenos.

Do lado do Evangelho encontram-se as Capelas de N.ª S.ª do Bom Sucesso, e das Almas (também chamada Altar-Mor das Almas) e a do Anjo da Guarda (actual Baptistério). Do lado da Epístola localizam-se as Capelas de N.ª S.ª do Rosário, da Misericórdia e a de S. Pedro (actualmente chamada Capela de N.ª S.ª da Conceição).

O antigo Baptistério, actualmente sacristia, sofreu uma profunda reforma para essa adaptação.

5 - Passos do Senhor

Desconhece-se a data da fundação da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos de Borba. As formosas estações da Via Sacra, esculpidas em mármore branco, são certamente

obras dos finais da época de D. João V e alvares do reinado de D. José, compreendendo a década de 1750-60.

Posteriores acrescentos foram feitos na estação dolorosa da Rua do Terreiro das Servas (Passo dos Terceiros), na freguesia de S. Bartolomeu, sem dúvida a mais opulenta e de maiores dimensões do núcleo das quatro exteriores, não contando com os Passos do Pretório e do Calvário, situados na Igreja Matriz.

Na Avenida do Povo, junto à esquina com a Rua António Joaquim da Guerra fica o Passo do Alto da Praça, construído em 1755 em estilo barroco, com sacrifício, ou simples adaptação, da primitiva Ermida da N.ª S.ª da Nazaré.

O Passo da Rua da Aramenha, actual Rua 13 de Janeiro, é semelhante no todo arquitectónico ao Passo do Alto da Praça. Edificado na Freguesia de S. Bartolomeu, tem portas de madeira datadas de 1843. Internamente, dispõe-se também em planta quadrangular com alçados lisos e boa decoração rococó na abóbada de berço, com motivos da Paixão de Jesus e o símbolo da Irmandade.

O quarto e último Passo exterior, fica situado na Rua Marquês de Marialva, antiga Rua de Évora. Enclausurado no casario e embora de linhas discretas, oferece, no entanto, idênticas características dos anteriores.

6 - Igreja de Santo António

Situada ao fundo da Rua de Montes Claros, a Igreja de Santo António foi fundada em 1630, tendo sofrido vultuosa ampliação nos finais do Séc. XVIII.

Com frontaria engalanada por frontão triangular, de acrotérios decorados por pináculos piramidais e ao centro encimado pelo campanário de sino de bronze, com cruz central e silhueta primitiva, rasgada no meio pelo nicho do titular, obra popular em barro cozido, típico da arte oleira estremocense.

O portal, também de frontão triangular, é ladeado por duas janelas de ombreiras recurvas e em mármore. Os batentes da porta são em madeira e datam do tempo de D. Maria I.

A nave, de planta rectangular, com cobertura em abóbada de volta inteira, em alvenaria, totalmente caiada de branco assim como os alçados, estes guarnecidos por rodapé azulejar policrómico da primeira metade do Séc. XVII.

Do corpo do edifício antigo, subsiste a estrutura mestra, engrandecida depois de 1780 pelo actual pavimento e pelo púlpito. Todos os altares foram executados em mármore locais de cor branca e negra. Os altares laterais, que substituíram os primitivos, são do

estilo rococó. O do lado do Evangelho apresenta a Sagrada Família e o do lado da Epístola é dedicado a S. Francisco Xavier.

A Capela-Mor, que aparenta ser obra de setecentos, tem planta quadrangular e cobertura em barrete de clérigo, completamente revestida por pinturas a tinta de água. No trono, de caixa também pintada a tinta de água, expõe-se a curiosa escultura de Santo António, em madeira estofada.

7 - Ermida de S. Sebastião

Situa-se nas imediações da Igreja Matriz ao cimo da Rua de S. Sebastião.

Desconhece-se a data da sua fundação, devendo tratar-se de um edifício dos fins do Séc. XVI e valorizado em meados do Séc. XVII, período assinalado interiormente pelo rodapé em azulejos.

A fachada principal é muito simples, com frontão triangular rematado por cruz em mármore, portal e janelas direitos, com guarnições também em mármore e despidos de labores.

O campanário reforçado, ergue-se na fachada oposta à frontaria, tendo no olhal um sino em bronze fundido.

A nave, de planta rectangular e abóbada redonda de alvenaria sem vestígios artísticos, acusa reparos muito posteriores, como a montagem do coro e do púlpito.

Seis sepulturas em mármore correm na coxia da nave.

A Capela-Mor é de planta quadrangular e com tecto em barrete de clérigo.

8 - Casa Nobre dos Morgados Cardosos

Implantada com frentes para a Rua da Cruz e Rua de S. Francisco, foi fundada em ano desconhecido.

O edifício de três pisos, compõe-se de um imenso pavilhão com três frentes libertas, com a fachada principal dando sobre a Rua da Cruz, dividida em três corpos interligados em simetria e à mesma altura, rematados por cornijamento rectilíneo saliente.

As janelas, todas em verga curva e emolduradas, são de peitoril no primeiro e último piso e de sacada no piso intermédio, estas últimas com balcões de notável nobreza, com grades férreas de influência francesa de Luis XVI.

O portal principal, ricamente emoldurado, é de verga recta e rematada por frontão ladeado por vieiras que enquadram a luneta axial ovóide.

No edifício funciona actualmente uma unidade de Turismo de Habitação.

9 - Palácio dos Fidalgos Silveira Menezes

Situado em frente da Torre do Relógio do Castelo, desenvolve-se em três pisos com planta quadrangular. De arquitectura bastante simples, apresenta fenestrações rectilíneas com excepção das janelas do último piso de vergas recurvas de notória simplicidade. No piso intermédio os vãos são de sacada em balcões.

A portada principal que dá acesso a um vasto pátio central, é bastante ampla com lintel e cornijas bem demarcadas.

10 - Quinta do General

Desconhece-se a época exacta desta construção solarenga, que naturalmente se verificou em fins do Séc. XVI. No entanto, a traça arquitectónica do edifício actual parece rondar os meados do Séc. XVII.

O solar rústico, situado no extremo norte da vila, no acesso à EN 4, estende-se em pavilhão coberto por telhado de quatro águas na forma tradicional de "U", com pátio de entrada discreto e portão de grossa alvenaria.

No pátio interior, ensombrado por verduras permanentes que cobrem quase completamente os alçados rebocados na tradição local, corre um galeria térrea de sete tramos com arcos plenos de mármore branco e rodapé colorido com azulejos de um período recuado do Séc. XVII.

As mais importantes dependências comunicam com os jardins e são de vastas proporções. De planta rectangular, são cobertas por tectos em caixotões de madeira emoldurados e lisos, sem vestígios de pinturas.

A mais bela fachada do edifício, debruça-se sobre os jardins. Apesar da sua sobriedade e de um só piso, representa, sem dúvida, um belo exemplar de arquitectura regional do Séc. XVII. As janelas de sacada, comunicam directamente com uma varanda corrida protegida por gradeamento férreo e os alçados são rematados por rodapé azulejar policromado. Os jardins do solar estendem-se num vasto rectângulo murado, que se prolonga pelo adro da ermida primitiva, e teve frondoso bosque de árvores seculares até Fevereiro de 1941.

11 - Igreja Paroquial de S. Bartolomeu

O edifício, construído de raiz nos primeiros anos do Séc. XVII, é de alvenaria rebocada e do tipo corrente na zona religiosa alentejana. É composto por corpo de nave e Capela-Mor amparados por gigantes de um só andar.

A fachada mantém, com ligeiras alterações, a linha original inspirada em modelos quinhentistas.

Destacam-se na fachada de frontão triangular encimado por uma cruz, o nicho com a figura de S. Bartolomeu em mármore policromado (alvares do Séc. XVII), o janelão facial de lintel quadrado e amplo frontal arquivado, ladeado por duas colunas jónicas estriadas assentes em pedestais trabalhados com baixos relevos alusivos ao martírio do Santo padroeiro.

O portal sofreu na época da grande reforma setecentista, a amputação da empena e o alteamento desproporcionado do nicho da imagem que ocupava o lugar da actual janela da frontaria, onde se supõe ter existido apenas um óculo ou uma fresta para iluminação da nave.

Flanqueando o edifício, ergue-se a possante torre sineira toda capeada de aparelho marmóreo. O campanário rematado por pináculos flamejantes e cúpula bolbosa embandeirada, tem quatro olhais emoldurados nos quais se dependuram sinos em bronze com inscrições esculpidas.

A fachada oposta ao campanário está rasgada por outra portada renascentista, da mesma ordem estilística da principal, com a vantagem de estar completa. De empena triangular centrada pelo nicho contendo a imagem da Virgem Imaculada, é ladeado por colunas estriadas muito semelhantes às que guarnecem o portal principal.

Interiormente, o corpo da nave, de planta rectangular, é rematado com abóbada renascentista de três tramos e com nervuras de aresta viva, ricamente decorada com frescos e chaves douradas.

Alto forro de azulejos do modelo de "maçaroca de milho" reveste os paramentos da nave, incluído o pano do coro, este construído em período avançado do Séc. XVIII, com pesada balaustrada marmórea.

Seis capelas laterais abrem-se nos lados da nave. do lado do Evangelho encontram-se o Altar de St.^a Teresinha do Menino Jesus, o Altar de N.^a S.^a da Conceição e o Altar de S. Pedro. Do lado da Epístola localizam-se a Capela de N.^a S.^a do Carmo, a Capela do S. Sacramento e o Altar de N.^a S.^a de Fátima.

Ao fundo da Nave situa-se a Capela-Mor, de planta quadrangular, curioso exemplar de arquitectura portuguesa do estilo barroco, igualmente gizado no plano primitivo dos

alvares do Séc. XVII. Esteve outrora forrado nos alçados com azulejos policromos semelhantes aos do corpo da nave, retirados na época de D. João V, por volta de 1730, e substituídos, em parte pela profusa e rica combinação de elementos calcários da região. A Capela-Mor é antecedida por um belo arco triunfal, redondo, de pilastras, delicado trabalho de marmorista.

Merecem ainda destaque as sacristias do templo, sobretudo a da sede da freguesia, preciosa sala do último terço do Séc. XVIII, situada na ilhargia ocidental da abside do templo, que substitui a primitiva dos Freires de Avis, aberta na face oposta.

12 - Igreja do Real Convento das Servas

A Igreja do Real Convento das Servas, classificada como Imóvel de Interesse Público segundo o D.L. n.º 33587 de 27/03/1944, é um templo do Séc. XVI que ocupa toda a zona oriental de um grande bloco monástico (antigamente habitado por freiras franciscanas de Santa Clara) que inclui um claustro de grandes dimensões, um dos maiores do país.

Quando o convento foi fundado em 1606, já existia a Igreja.

A Igreja do Real Convento das Servas, inspirada na Igreja da Esperança em Vila Viçosa, tem, como determinava a regra franciscana, as portas públicas laterais, traçadas ao eixo do edifício. Estas amplas portas, de ombreiras rectas e frontões triangulares em mármore branco, assentam em adro da mesma pedra, solidário com o da Capela do senhor Jesus dos Aflitos que se ergue anexa à Igreja de forma quase integrada.

As portadas são encimadas por austeros janelões de empenas semicirculares, que ladeiam a cartela encomiástica da abadessa D. Isabel da Natividade, composição marmórea do estilo de transição barroco-rococó, engalanada pelo escudo real de D. João V.

A fachada posterior, virada a poente, é de forma triangular enobrecida pela cartela estucada do estilo rococó. No feixo ergue-se o sinal de Redentor.

O interior é composto por nave de planta rectangular coberta por altar abóbada de meio canhão completamente decorado com pinturas e fechada por empenas revestidas com ricos azulejos policromados dos meados do Séc. XVII. de uma nudez impressionante e austera, a nave é apenas iluminada através das duas janelas e portadas.

Os dois únicos altares da nave, ambos, rasgados por arcos plenos de mármore local, são dedicados a N.ª S.ª da Piedade e a S. Francisco.

A Igreja dispõe de dois coros: o coro de baixo, disposto em ampla casa de planta rectangular e o coro alto de proporções idênticas ao anterior, excepcionalmente elevado com tecto redondo e liso. Este último foi despojado de quase todos os seus pertences sumptuários.

13 - Capela do Senhor Jesus dos Aflitos

A capela da Ordem Terceira de S. Francisco, cuja data de fundação remonta ao ano de 1676, moderna e piedosamente chamada de Senhor Jesus dos Aflitos, justaposta ao alçado mestre da Igreja das Servas, é de arquitectura barroca da época de D. Pedro II. A fachada principal, totalmente revestida a mármore em xadrezes escuros e claros, é de empena triangular rematada por crucifixo, rasgada por simples portal ladeado por duas janelas e encimado por uma terceira, de sacada, que ilumina o coro. Este último janelão é sobrepujado axialmente por um pequeno nicho com a imagem de S. Francisco de Assis. Mais discreta, de alvenaria e cunhal de pedra aparelhada, são as dependências anexas. Sobranceira a estas, ergue-se a torre sineira de quatro olhais e cúpula bolbosa com ornatos.

Actualmente está apenas preenchida por um único sino moderno.

O interior da capela, de planta rectangular e tecto redondo, apenas mantém da fundação as estruturas e o rodapé azulejar.

Nos alçados e respeitando a tradição da irmandade, rasgam-se oito nichos envidraçados onde se expõem os titulares da Ordem.

O púlpito de balaústres quadrados em mármore, parece dos alvares de setecentos.

O coro é moderno.

A Capela-Mor, de planta quadrangular, alcança-se por arco-mestre redondo. Tem sofrido profundas transformações através dos tempos.

No nicho central da Capela-Mor, arranjado no ano de 1892, venera-se a imagem do Senhor Jesus dos Passos, daí, a actual consagração dos Aflitos.

14 - Colégio e Hospício de N.^a S.^a da Soledade

Este colégio foi fundado em 1703. Tem frente principal para a Rua Dr. Ramos de Abreu e tardoz para a Rua António Joaquim da Guerra.

As fachadas do hospício mantém as características originais dos Séc. XVII - XVIII.

A portaria colegial mantém os vestígios do primitivo cornijamento (alterado com a construção do segundo andar) revelado num friso de alvenaria ornado por tabelas florais e ornamentos do estilo transição clássica-barroca.

O templo, seco de ornamentação artística, rematado por dois campanários, mantém as duas aberturas do coro e a portada em mármore com frontão triangular. Várias cruces e pedra local embebidas nos alçados, assinalam o caminho da Via Sacra.

O interior, de planta rectangular, muito simples, dispõe-se em nave excessivamente alta, de cobertura em berço caida de branco.

A Capela-Mor, com arco triunfal edificado em robusta alvenaria, é dedicado a N.ª S.ª da Soledade. Tem forma rectangular, é igualmente coberto por tecto redondo e possui elevado retábulo de talha dourada montado sobre banquetas de alvenaria.

15 - Solar dos Fidalgos Sousa Carvalho Melo

Dando sobre o Largo Bernardino Ramos, este edifício de dois pisos, é uma construção dos meados do Séc. XVIII. Em 1971 foi nele instalada a Escola do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário D. Maria I, que se mudou para edifício próprio após o 25 de Abril de 1974.

O amplo portal é bastante simples de ombreiras em pedra ligeiramente decoradas. sobre ele, rasga-se uma janela de balcão curvo, nobremente trabalhada no estilo D. João V, de molduras enconchadas, lintel redondo e frontão duplo de abas. As formosas grades férreas são pombalinas e de inspiração francesa do estilo Luis XV.

As restantes janelas do segundo piso, são igualmente de sacada, de lintel rectilíneo, com balcões direitos protegidos por rico gradeamento férreo.

A fenestração do primeiro piso, contrasta com a restante por ser muito simples, de peitoril e verga recta.

16 - Palácio edificado pela Família Alvarez

Prédio de grande volume, edificado em meados do Séc XIX, com três pisos e platibanda guarnecida de balaústre e vasos ornamentais, localiza-se na Rua de S. Bartolomeu.

Notável é a imensa varanda do último piso, com guarda em ferro ao gosto da época de D. Pedro V. De igual estilo e desenho são os balcões das janelas de sacada que correm ao longo de todo o sobrado intermédio.

No piso térreo abrem-se quatro portadas de simples decoração e cinco janelas de peitoril protegidas por grades em "papo de rola".

17 - Palacete do Dr. Bustorff Silva

Palacete setecentista de dois pisos, localizado na Rua de S. Bartolomeu, anexo à edificação da autoria da família Alvarez.

Na frontaria, destacam-se as três janelas de sacada do piso superior, com frontões triangulares pontiagudos de mármore regional, e gradeamento férreo do estilo barroco.

18 - Cruzeiro

O cruzeiro ergue-se no Largo do Beato Mártir Domingos Fernandes, sobranceiro à porta lateral da Igreja Paroquial de S. Bartolomeu. Aí foi colocado pelo Município em 1950.

Peça clássica dos alvares de seiscentos, de mármore branco, constituído por base de três degraus, peanha quadrangular de tabelas losânicas e fuste canelado com capital da ordem coríntia e disco do mundo sobrepujado por uma cruz de elementos arredondados.

19 - Igreja de Santa Bárbara

O primeiro documento respeitante a este templo edificado a cerca de 4 Km a nascente da vila de Borba, é datado de 1566.

A Igreja de Santa Bárbara foi sede da freguesia com o mesmo nome até 1 de Janeiro de 1967, altura em que foi incorporada na Freguesia Matriz.

O edifício, sobranceiro a um discreto cruzeiro de mármore repousa em degraus de alvenaria capeados a ardósia.

A frontaria de empena direita e simples frontal de verga recta, é encimada por altaneiro campanário.

As fachadas laterais, do mesmo sistema rústico regional encontram-se amparadas por gigantes amalgamados nas pequenas construções justapostas.

O corpo da nave, de formação quinhentista, é de planta rectangular e de dois tramos divididos por colunas de alvenaria da ordem dórica que suportam a abóbada.

A Capela-Mor, construída posteriormente, dispõe-se em forma quadrangular, com tecto em abóbada de aresta revestido a pinturas de tinta de água com intenção neoclássica. O nicho fronteiro é ocupado com a imagem da padroeira.

20 - Convento de N.ª Senhora do Bosque

Situa-se a cerca de 1 Km de distância para sul da vila de Borba, na vertente da serra, no caminho para Rio de Moinhos, em local que pela sua amenidade e frescura lhe sugeriu o nome.

Da construção inicial, data do início do Séc. XVI, nada escapou às reformas de 1548 e 1670. Mais tarde, no Séc. XVIII, o edifício tomou a configuração actual, tendo ainda sofrido reconstrução em finais do Séc. XIX.

O edifício é constituído por uma arquitectura de notória sobriedade concepcional, realçada nas fachadas por grossa alvenaria, outrora escaiolada.

É de planta quadrangular, e como normalmente acontece em casos semelhantes, todos os elementos fundamentais irradiam do claustro.

A Igreja, que ocupa a face meridional do bloco comunitário, possui frontaria cunhada de pilastras escaioladas, alteadas por dois campanários da ordem Capucha, em alvenaria, hoje despidos de sinos.

O frontão triangular desenhado em linha muito aguda, outrora rematado por uma cruz, é preenchido por friso emoldurado com ornatos.

Na fachada, para além do grande janelão de mármore salientam-se três nichos: o central é destinado à titular, N.^a S.^a da Conceição, e os laterais com imagens franciscanas, S. Francisco e Santo António.

A frontaria é rematada inferiormente por um portal de arco redondo em mármore, valorizado pelo escudo da Casa Real.

Perto do edifício do convento, encontra-se bem conservada, uma fonte com uma grande imagem em terracota (1,85m de altura) de S. Pascoal. O nicho tem telhado de quatro águas com remate de urna flamejante, em alvenaria.

Segundo reza a tradição popular, esta imagem possui poderes de prognosticar casamentos.

21 - Ermida de S. Miguel

Situada a cerca de 1 Km ao norte de Borba, na Herdade do Mosteiro, desconhece-se a sua origem histórica, mas o edifício antigo que remonta aos alvares do Séc. XVI.

Durante alguns anos serviu de moradia particular, tendo sido reaberta ao culto em 1953 após grandes beneficiações interiores e exteriores, conforme atesta a lápide existente na fachada ao lado do portal de mármore branco.

O alpendre, de branca alvenaria e de estilo rústico alentejano, é composto por sete arcos redondos.

A fachada é rematada por frontão triangular, encimado axialmente por campanário, despido de sino.

A Capela-Mor, mais baixa, é angularmente reforçada por dois cilindros de andares, ainda da tradição arquitectónica gótico-manuelina. Este é o derradeiro vestígio do primitivo edifício, portanto os benefícios gerais introduzidos através dos tempos, lhe imprimiram a actual configuração.

O santuário é iluminado por duas frestas esguias que se rasgam no tardo.

A nave, muito singela é coberta por abóbada de berço, tem os alçados caiados e lisos de decoração.

Nela se abrem dois altares laterais sem titulares.

22 - Ermida de S. Cláudio

Assente num elevação de terreno com o seu nome, dista cerca de 2,5 Km para norte da sede do concelho. A construção, bastante degradada, parece datar dos meados do Séc. XVII, mas ignoram-se por completo as suas origens históricas.

Edifício circular de alvenaria rebocada, olha o acidente através do alpendre (em ruínas) de um só arco redondo. Anexo ao alpendre, vêem-se as ruínas de um pitoresco púlpito exterior, de caixa cilíndrica assente em coluna de anéis escaiolados.

O interior é iluminado por aberturas circulares.

O telhado, de linhas radiais, é rematado por cone e o beiral pontualmente composto por singelo campanário, hoje desadornado de sino.

A casa do ermitão, em ruínas, absorve todo o corpo exterior sul.

Interiormente, salienta-se o discreto Altar-Mor em alvenaria, encimado pelo nicho do padroeiro ainda com pinturas, mas desprovido da imagem de S. Cláudio.

Destacam-se, ainda, os restos das pinturas murais e as que revestem a cúpula, estas últimas ainda em estado razoável.

23 - Ermida de S. Pedro

Implantada no sítio do Viçoso, a menos de 2 Km para noroeste de Borba, próximo da nascente da ribeira de Alcaraviça, a Ermida de S. Pedro foi fundada em 1570, encontrando-se actualmente em estado de ruína.

Construção em alvenaria de certa magnificência e riqueza arquitectónica, tem a frontaria antecedida por nartex de sete arcadas redondas com arcos em tijolo.

O Templo apresenta frontão triangular rematado pelo descarnado campanário, falho de sino. As empenas laterais são reforçadas por gigantes e apresentam construções adjacentes: a exposta a sul com as ruínas do casario do ermitão e a oposta com os restos da sacristia.

Lateralmente, a norte, existe uma porta de ombreiras e verga em blocos únicos de mármore branco, encimada por uma lápide comemorativa da fundação do templo.

O edifício de planta rectangular de boas proporções, com tecto em abóbada de berço em alvenaria ameaçando desmoronamento, perdeu em absoluto o seu recheio e ornamentação, vendo-se todavia as três arcadas cegas interiores destinadas aos altares devocionais.

A Capela-Mor, quadrada, é um curioso exemplar de arquitectura da baixa Renascença, com abóbada de nervuras emoldurada por aranhão octogonal de aresta viva, decorada a fresco, infelizmente em adiantado estado de degradação.

Embora em ruínas e devassada, a Ermida de S. Pedro é uma relíquia de arquitectura religiosa quinhentista digna de conservação.

24 - Ermida de S. Lourenço

Este templete situa-se a cerca de 2 Km a norte de Borba. Desconhece-se a data exacta da sua fundação, embora se admita que a mesma remonte ao Séc. XVII. Igualmente se desconhecem os motivos porque, recentemente, se mudou o seu orago para Senhor Jesus dos Convertidos.

Recebeu profundas melhorias em 1758 e em 1965. Após anos de abandono, foram-lhe introduzidas as actuais reformas interiores, como a pavimentação e o revestimento total a tinta de água.

Na face norte, a silhueta é protegida pela residência do ermitão.

A frontaria é composta por alpendre de três arcos plenos e corpo do coro rasgado por janelão de mármore. Termina com campanário de cruz em mármore e sino de bronze.

O interior dispõe-se em nave singela, de planta rectangular, tecto em abóbada de berço e alçados aprofundados com três arcos redondos e cegos, originalmente concebidos para altares ou bancos para repouso dos fiéis.

O coro, de construção posterior, ocupa, em segundo piso, a totalidade do espaço do alpendre.

A Capela-Mor, dispõe de três nichos, em alvenaria. No do meio, de maiores dimensões, esteve em tempos a imagem do titular, escultura de madeira estofada que se guarda na Igreja de S. Bartolomeu em Borba.

25 - Nora da Herdade do Montinho

O monte da herdade do Montinho situa-se a cerca de 4 Km a nascente de Borba, ligeiramente mais a norte que a Igreja de Santa Bárbara. Junto a este monte existe um velha nora (supõe-se que dos princípios do Séc. XVI) desactivada e bastante degradada, com portal e cornija rematada com ameias góticas. Os vãos rasgados nas empenas apresentam igualmente arcos góticos nos fechos

26 - Portal da Quinta do Palreta

A Quinta da Palreta, outrora chamada Quinta de Santo Antonico, situa-se a pouco mais de 1,5 Km para norte da Vila de Borba.

Esta propriedade é valorizada por um portal marmóreo do tipo rústico, centrado por um nicho de moldura losângica mas vazio de imagem, com remate lateral de dois pináculos piriformes, em cuja padieira corre a seguinte inscrição, aparentemente dos finais do Séc. XVII:

"FAZENDA DE BERNARDO COSTA DA VILA DE ESTREMOZ"

28 - Igreja Paroquial de Santiago

Trata-se de uma das mais antigas igrejas do concelho de Borba. Foi fundada nos finais do Séc. XIII conforme atesta a lápide em caracteres góticos medievais incrustada a meio da parede interior do lado esquerdo.

O documento é da era de 1328 que, sendo como é mais provável a era de César, equivale a 1290 da era de Cristo que hoje seguimos. No entanto a sua fundação, não pode ir além de 1279, data em que D. Dinis subiu ao trono.

Desse edifício gótico nada subsiste arquitectonicamente devido a reformas posteriores, sobretudo a efectuada no Séc. XVII que lhe imprimiram a feição presente, com as habituais características populares da arte rural religiosa alentejana.

O nartex, de alvenaria, tem cinco arcadas redondas e frontão decorado com cruz de mármore. Ladeado por muretes, o conjunto assenta numa plataforma alteada com três degraus.

A empena é muito singela e de formato triangular. A norte é flanqueada por pesada torre sineira de agulha piramidal modernizada. O portal é moderno e de lintel simples.

Na empena, junto ao alpendre, existem duas placas comemorativas. Uma delas, a maior, assinala a visita que a imagem de N.^a S.^a de Fátima fez à freguesia em 29 de Outubro de 1947.

Sem valor artístico é o cruzeiro de mármore branco, que no adro defronta a Igreja.

O interior, de uma só nave, dispõe-se em planta rectangular, de cruz latina, com tecto em abóbada de berço, transepto de penetrações e Capela-Mor de planta quadrangular e abóbada a meio canhão. A Capela-Mor sofreu grandes obras no Séc. XVIII.

28 - Padrão Comemorativo da Batalha de Montes Claros e Ermida de N.^a Senhora da Vitória

Situado na aldeia de Barro Branco, a cerca de 2 Km para sudeste da aldeia de Rio de Moinhos, este Monumento Nacional do Séc. XVII ergue-se no ponto dominante de um dos cabeços onde se desenrolou a memorável batalha.

A lápide em mármore tem cerca de 4m de altura por 3m de largura.

A ermida, construída em frente da lápide, foi fundada pouco tempo depois desse monumento, por alvará de 2 de Abril de 1669 passado pelo Príncipe regente D. Pedro.

Teve de princípio e até meados do Séc. XVIII, apenas o santuário, hoje transformado em nave. O alpendre é também obra datada dessa ampliação.

O edifício, em grossa alvenaria caiada a branco, não tem qualquer particularidade arquitectónica que a diferencie das suas congéneres alentejanas bastante rústicas.

O nardex, de três arcadas redondas, é rematado em campanário de empena triangular despido de sino e encimado por cruz. Dois pináculos de ornatos piriformes, completam o conjunto.

A capela em si, tem luneta central e a sua fachada principal é rasgada por portada direita ladeada por duas pequenas janelas. A construção é rematada por elegante cobertura em telhado de linhas radiais terminando com uma cruz em mármore da região. Este era como dissemos, o templete original do Séc. XVII.

Vulgar e de linhas correntes de setecentos, é o actual santuário, abraçado de edificações da capelania, do ermita e a sacristia, esta recheada de votos populares.

Interiormente o edifício está bastante descaracterizado, conservando apenas a cúpula original.

A Capela-Mor, setecentista, de planta quadrangular e tecto de berço, termina no altar de mármore brancos e negros da época de D. José I. No nicho, expõe-se a venerada imagem da Padroeira Nossa Senhora da Vitória.

29 - Convento de N.^a S.^a da Luz de Montes Claros

A fundação da casa religiosa é antiga mas ignorada. Segundo crónicas da ordem, ela remonta aos princípios do Séc. XV.

O complexo edificado sofreu vultuosas obras nos começos do Séc XVII e posteriormente, entre 1714 e 1742, no reinado de D. João V.

Atingido pelo Decreto de extinção em 1834, esteve alguns anos abandonado, até o governo o vender em hasta pública.

Em finais do Séc. XIX, foi adaptado a residência de Férias, tendo-lhe então a sua proprietária introduzido remodelações profundas em todo o corpo principal, na frontaria do pátio do carro e na Igreja, esta descaracterizada com certa gravidade.

A fachada principal da Igreja, sobranceira ao cruzeiro seiscentista em pedra, é de alvenaria alteada por empena de recorte com enrolamento e acrotérios pinaculares de fogaréus. Ao centro é ornamentada pelo opulento brasão da ordem, de ornatos do estilo rococó.

A frontaria principal da Igreja é encimada axialmente na cimafrente por uma cruz de mármore cronografada de 1608. Alto janelão de molduras bem esculpidas e frontão triangular, ilumina o coro, ficando-lhe sotoposto o alpendre, com pórtico de arco redondo de pedra trabalhada, vestígio quinhentista.

A grade de ferro forjado da entrada é do período das grandes obras de modernização do edifício em 1884. Do ano anterior é a porta de madeira da Igreja.

Reforçando a frontaria, elevam-se dois bataréus terminados por volutas e lateralmente sete contrafortes lisos que alcançam o cornijamento, imprimem ao edifício um robustez singular.

O sub-coro, primitivo alpendre da portaria monástica, conserva a cobertura original do Séc. XVI, em nervagem singela que arranca das misulas e pilastras e se estendem pelas nervuras e fecho.

Interiormente, a Igreja é composta pela nave e pela Capela-Mor. A primeira, é alongada e de planta rectangular, com o tecto em abóbada de meio canhão, completamente liso e caiado de branco. O pavimento é em mármore com rodapé em azulejos dos finais do

século passado e os alçados compostos por quatro capelas laterais de arcos plenos emoldurados.

A Capela-Mor, igualmente disposta em planta rectangular, é antecedida por elevado arco triunfal de fino mármore branco. A cobertura, em abóbada de berço, é decorada por vistoso medalhão datado de 1714. No grande oratório de talha dourada e amosaicada dos finais do Séc. XVIII, expõe-se a formosa imagem de Nossa Senhora da Luz, peça dos princípios do Séc. XVII.

O convento, apesar das obras de adaptação nos finais do século passado, conserva-se na sua estrutura quinhentista, de planta quadrangular abraçando o claustro (obra dos alvares do Séc. XVII) que se desenvolve em dois pisos: o inferior de três arcadas plenas de robustas pilastras aparelhadas e o superior, das celas, formado por galeria corrida de seis tramos suportados por colunelos. Ao centro, um poço de alto gargalo cilíndrico em colunelos, permite a serventia da cisterna de águas pluviais.

30 - Ermida de Santo António

Esta ermida situa-se a aproximadamente 2 Km para noroeste da aldeia de Rio de Moinhos, num lugar chamado Aldeia de Fidalgos. Fundada em período impreciso da segunda metade do Séc. XVIII, substitui a primitiva ermida de Santo Antoninho da Estrada ou Santo António o Velho, que ficava situada na herdade da Alteia, relativamente próxima da Aldeia de Fidalgos e que se arruinou completamente no século passado.

A frente do edifício prolonga-se num alto muro de falsas janelas até alcançar o portão do pátio rústico que serve um palacete solarengo.

A frontaria da capela é cunhada de pilastras singelas, frontão recurvo e campanário axial de volutas com enrolamento. O portal e a janela alta, ambos guarnecidos por mármore branco, completam o conjunto.

O interior de boas proporções e planta rectangular, divide-se em nave e Capela-Mor com coberturas de berço, aquela lise de adornos e esta decorada. O chão é de largas placas de pedra do sítio e o púlpito, de grosseira base quadrangular em mármore, apresenta vestígios de barras do mesmo material, substituídas posteriormente por ferros forjados antigos.

31 - Ermida de N.^a S.^a de Guadalupe

Esta capela situa-se a cerca de 2,5 Km a sul de Rio de Moinhos, junto à ribeira de Lucefece.

Ignora-se a data da sua fundação, mas o edifício tem traça arquitectónica dos finais dos anos quinhentos.

Assente em adro pavimentado de ardósia e tijoleira, com muretes de repouso, a capela apresenta fachada de simples portal adintelado ladeado por duas janelas gradeadas ao nível do observador. Tem empena triangular sobrejugada de discreto campanário despido de sineta, ladeado de volutas com enrolamento. Anexa justaposta à empena nascente construiu-se a sacristia.

O interior dispõe-se em nave rectangular coberta por tecto de berço onde são visíveis, subjacentemente, na sanca e alçados, restos de pinturas murais, talvez ainda seiscentista.

O altar pouco profundo, rasgado em arco redondo, é obra posterior.

Três nichos de pilastras, rasgam-se no fundo da capela: o central com a imagem da Virgem titular, Nossa Senhora de Guadalupe e os laterais com as figuras de Santo António e S. Joaquim.

32 - Ermida de S. Gregório

Desconhece-se a data exacta da sua fundação. Sabe-se porém, que esta capela que dista cerca de 1,5 Km para sul da aldeia de Rio de Moinhos, já existia no ano de 1556.

A ermida compõe-se de nartex atarracado e longo, com três arcadas e telhado de duas águas, recentemente restaurado.

A empena virada a poente é lisa e desprovida de apoios, enquanto que a oposta estende-se em construções certamente ligadas ao serviço religioso, que amparam a nave e a ábside do edifício principal.

Na fachada principal, com portada de mármore branco e lintel recto muito simples, ergue-se, axialmente, o campanário despido de sineta e encimado por cruz de pedra. À semelhança do alpendre, o telhado do corpo central da ermida é também de duas águas.

Contrastando com as restantes, a cobertura da capela è de quatro águas, rematado em agulha.

Interiormente, a nave, muito singela e de planta rectangular com tecto de meio canhão, é rasgada nos alçados por arcadas cegas de dois tramos, sem quaisquer labores. O pavimento é em tijoleira. Quase à entrada do lado do Evangelho, ergue-se o púlpito do tipo rústico, em alvenaria e com degraus em tijolo.

A ábside, a parte mais antiga da capela, possivelmente dos meados do Séc. XVI, tem planta quadrangular e é coberta por cúpula de meia laranja assente em trompas lisas. É decorada por composições murais dos fins da Renascença. Ao fundo, é vazado o nicho com a imagem do Santo Padroeiro, S. Gregório Papa, de madeira estofada e dourada, obra popular de certo valor artístico, com cerca de 76 cm de altura.

33 - Ermida de S. Lourenço

A ermida de S. Lourenço, situa-se num morro sem acesso viário perto da aldeia da Nora, a cerca de 2,5 Km a norte de Rio de Moinhos.

A sua fundação é muito antiga, mas imprecisa. Sabe-se que se encontrava em ruínas no começo do Séc. XVII, tendo sido totalmente reedificada em 1604.

Teve serviço religioso até 1965. A partir dessa data foi profanada tendo sido roubados os valores sumptuários, como os balaústres do púlpito, o sino e as portas do templo, bem como as do casario da capelania anexo.

O edifício, que se encontra bastante arruinado, é construído em grossa alvenaria reforçada com lages xistosas. a sua fachada, mostra ainda a silhueta de uma profunda reforma no Séc. XVIII, exhibe sóbria empena sobrejugada por discreto campanário, outrora encimado por cruz apontando o céu.

O portal, em mármore branco lavrado, do tipo de ângulos salientes e emoldurado, é da época de D. João V - D. José I. É o único elemento válido da arquitectura exterior.

Interiormente, a nave de planta rectangular alongada, encontra-se totalmente arruinada.

O santuário de planta quadrangular, corpo primitivo de 1604, tem cornija de secção lobulada e cobertura do tipo cupular revestido por sistema radial. encontra-se, igualmente, bastante arruinado.

34 - Padrão de Montes Claros

Este Monumento militar, edificado no tempo de D. Pedro II (segunda metade do Séc. XVII) para celebrar a gloriosa vitória da batalha de Montes Claros, erguida no local onde se travou o mais aceso da renhida luta, é hoje marginado pela estrada que liga Bencatel a Rio de Moinhos, distando cerca de 3 Km desta última povoação.

Executado em mármore branco da região, nasce em base de três degraus quadrangulares, escalonados, donde rompe o pedestal, plinto e coluna de ordem dórica, encimada pela coroa real fechada. Está actualmente defendido por gradeamento

cunhado de pilares. A inscrição comemorativa do feito, é desdobrada em três faces do pedestal.

35 - Igreja da Freguesia de N.^a S.^a da Orada

Segundo crónicas religiosas do Séc. XVIII, esta Igreja foi fundada pelo Condestável D. Nuno Alvares Pereira. Desse templo medieval, nada subsiste na actualidade, apenas se admitindo que a sacristia remonta aos alvares de quinhentos.

O actual edifício, feito de raiz no Séc. XVIII, ergue-se no cabeço mais elevado da aldeia.

A Igreja mantém a pitoresca e inconfundível silhueta dos monumentos sacros do estilo rústico alentejano.

A fachada lateral norte do edifício é flanqueada por possante torre de cúpula bolbosa e gigante coberto de telha amparando a sacristia de cornija folilobada e cruz de pedra embebida no alçado, vestígio da antiga Via Sacra.

A frontaria, de empena triangular e janelão marmóreo, é protegida por vulgar alpendre de três degraus redondos, nascendo de plataforma elevada por degraus. Em 1960 sacrificou-se um destes arcos com a montagem de um painel cerâmico alusivo ao tradicional fundador, o beato D. Nuno de Santa Maria. No beiral oposto, subsiste o pequeno relógio de sol em mármore branco e forma quadrangular (Séc. XVIII).

A sepultura comum dos párocos, que teve legenda, hoje comida pela acção do tempo, estende-se frente à soleira do singelo portal de guarnição recta em mármore.

Interiormente, a nave distribuída sobre o comprido, com abóbada de alvenaria caiada de branco, teve uma modesta composição oitocentista executada em tinta de água.

Nas actuais capelas colaterais em mármore regional, enriquecidas por retábulos dos finais do séc. XVIII e do estilo rococó, veneram-se, do lado do Evangelho, a padroeira, Nossa Senhora da Orada, e do lado da Epístola, a Imagem do Senhor Jesus dos Passos.

A Capela-Mor de planta quadrangular, igualmente levantada nos finais do Séc. XVIII, rasgada por alto arco-mestre de mármore, teve a grade do comungatório de balaustrada em pedra até ao verão de 1971, grade essa que foi arrancada para se erguer um altar em alvenaria fina, obedecendo aos ditames do Concílio do Vaticano II.

36 - Quinta da Azenha Branca

Situado a cerca de 1,5 Km ao norte da aldeia da Orada, junto á ribeira de Alcaraviça, este complexo de edifícios dos meados do Séc. XVIII, constitui, outrora, importante

casa agrícola, sobretudo de produção cerealífera. Actualmente encontra-se em completo abandono.

A ampla residência solarenga, de dois pisos, dispõe-se de forma alongada, debruçada sobre o tradicional pátio alentejano com os seus assentos de repouso e casario utilitário da lavoura - cavalariças, celeiros e cocheiras - antecedido por um portão de pilastras com remates de urnas estilizadas, em mármore.

A frontaria, delimitada por cunhais guarnecidos por fogaréis marmóreos, é rasgada por uma série de janelas e portais, destacando-se o conjunto central formado pelo acesso principal encimado por balcão com grades férreas que protegem o janelão de sacada de empena semicircular.

O alçado posterior da mansão estendia-se pelos jardins com ruas demarcadas com buxos, os quais eram regados pela água da ribeira de Alcaraviça, embora existisse nascente potável servida pela interessante fonte.

Contíguo aos jardins fica o pombal em ruínas, construção imaginada com particular capricho arquitectónico, de portais e pilastras enriquecidos com pináculos e urnas neoclássicas, de alvenaria.

Embora completamente abandonado, o edifício principal apresenta interiormente alguns espaços em razoável estado de conservação.

A Vila de Borba tem vindo a perder população, à semelhança do que se tem verificado em todo o Alentejo, bem como o interior do país.

A evolução da população no concelho de Borba caracterizou-se por algumas variações, reflexo das transformações sociais, económicas, políticas e culturais ocorridas no País e na Região Alentejo. Podemos identificar três períodos distintos que marcaram a demografia do Concelho, designadamente:

De 1900 a 1930: neste período o Concelho de Borba apresentou uma evolução populacional positiva, com taxas de variação abaixo dos 9%. No final deste período o Concelho detinha 8.094 habitantes, o que equivale a um crescimento de 23,55% face a 1900 (mais 1.543 habitantes).

De 1930 a 1960: estas duas décadas ficaram marcadas por um crescimento populacional de cerca de 28,87% (mais 2.337 habitantes). Contudo foi na década de 30 que se verificaram as maiores taxas de crescimento da população (cerca de 19%) motivadas pelo afluxo de mão-de-obra de outras regiões do país para trabalhar nas actividades agrícolas que neste período sofreram um forte impulso com o lançamento da “Campanha do Trigo” pelo Estado Novo. Ao contrário do período anterior, o factor

fundamental que esteve na génese de tão significativo crescimento populacional foi a componente migratória, essencialmente masculina.

De 1960 a 2001: este último período representou uma ruptura total com a tendência de crescimento demográfico registada anteriormente. A década de 60 ficou marcada por um processo de “esvaziamento” populacional motivado por um fluxo migratório significativo em direcção aos principais centros urbano-industriais do País, nomeadamente para a Área Metropolitana de Lisboa, e para a Europa. Este fenómeno teve repercussões muito negativas na estrutura populacional do Concelho e na sua dinâmica de crescimento com a saída de população activa e em idade de procriar. De 1970 a 2001 assistiu-se à manutenção da tendência decrescente da população, embora a um ritmo menos elevado, sustentada por um crescimento natural e migratório negativo. Em 2001, o concelho de Borba contava com 7.782 habitantes, menos 472 indivíduos relativamente ao ano censitário anterior (- 5,72%).

Procuramos, neste momento, inverter esta situação, através da criação de infra-estruturas que esperamos venham a tornar o concelho atractivo em termos populacionais, procurando que se torne o maior pólo da região.

No quadro seguinte apresentaremos a distribuição da população pelas freguesias do concelho: Matriz e S.Bartolomeu, com características marcadamente urbanas e Rio de Moinhos e Orada, de características mais rurais.

- População residente (Concelho/Freguesias) – Censos 2001

FREGUESIA	1991	2001
Matriz	3.570	3.701
S.Bartolomeu	1148	932
Rio de Moinhos	2.462	2.271
Orada	1074	878
Total	8.254	7.782

Fonte: Censos 2001

Como poderemos verificar o decréscimo populacional continua a ressentir-se. Contudo, projecções demográficas recentes apontam para a estabilização da população nos próximos anos.

O surto migratório de emigrantes de leste e outros, terá impacto nos próximos anos, visto que as faixas etárias que aqui se instalam são predominantemente as faixas em idade de procriação.

A actividade extractiva e transformadora dos mármore é o sector responsável por grande parte do emprego da população masculina. Uma procura crescente pelos produtos deste sector suscitou o seu desenvolvimento, cujo produto final se destina quer ao mercado interno, quer para exportação.

Em traços gerais, a indústria do concelho apresenta-se em fase de desenvolvimento existindo diversas potencialidades em determinados subsectores, no desenvolvimento do concelho e investimentos feitos (por exemplo a implantação de duas Zonas Industriais: “Cruz de Cristo” e Alto dos Baceiros”).

A transformação do mármore é um dos subsectores com potencial para crescer. Um dos grandes desafios que a fileira da extracção e transformação do Mármore enfrenta é atingir no concelho um grau de transformação mais elevado da matéria extraída e apagar a sua característica quase artesanal.

Na indústria agro-alimentar salientam-se:

- As actividades ligadas à viticultura e vitivinicultura que tradicionalmente tem contribuído para o desenvolvimento do concelho e que continua em expansão.
- As actividades ligadas à olivicultura e produção de azeite que se está a incrementar e espera vir a desenvolver para manter em funcionamento o Lagar de Azeite melhor equipado da região.
- Também os produtos derivados do leite, em especial o queijo, cuja produção é, todavia, essencialmente artesanal, em pequenas unidades familiares, existindo também a produção de enchidos, resultantes da criação extensiva de “porco preto” em regime extensivo.

O sector terciário é dominado pela administração pública e pelo comércio, em grosso ou em retalho (formado por pequenas empresas, de três trabalhadores, em média). O turismo é uma das áreas em crescimento, no entanto, a falta de capacidade de alojamento diminui a permanência em Borba, apesar de nesta área terem sido feitos grandes investimentos (Hotel Rural, Turismo de Aldeia, Turismo de Habitação e Turismo Rural). Nesta área é de destacar também a importante actividade ligada à comercialização das antiguidades, onde estão previstos grandes investimentos.

A Vila de Borba dispõe das seguintes infra-estruturas, equipamentos colectivos:

- Escola EB 2, 3 com Biblioteca Escolar
- Escolas EB1 – 5
- ATL (Atelier de Tempos Livres) – 4
- Ensino Recorrente (1º Ciclo) – 1

- Biblioteca Municipal – 1
- Núcleo Museológico – 1
- Jardim de Infância da rede solidária (Santa Casa da Misericórdia) – 1
- Creche da rede solidária (Santa Casa da Misericórdia) – 1
- Jardins de Infância públicos – 4
- Centro de Saúde – 1
- Extensões (Centro de Saúde) – 4
- Quartel dos Bombeiros – 1
- Cemitério – 3
- Cine-Teatro – 1
- Anfiteatro de Ar Livre – 1
- Espaço Internet – 2
- Celeiro da Cultura (Espaço para Exposições temporárias e Sessões) – 1
- Casa do Povo – 2
- Jardim Público – 1
- Parque Temático do Mármore – 1
- Parque Infantil – 7
- Piscina Municipal descoberta – 1
- Campos de Futebol – 3
- Pavilhão Gimnodesportivo – 1
- Polidesportivos – 5
- Praça de Touros – 1
- Mercados Municipais – 2 (Borba e S. Tiago)
- Parques de Feiras e Mercados – 2
- ETAR's (Estações de Tratamento de Águas Residuais) – 7
- Estação de Cloragem de Águas – 2
- Ecocentro – 1
- Estação Regional de Transferencia de Resíduos Sólidos – 1
- Reservatórios de Armazenagem e Elevação de Água – 5
- Posto da GNR – 1
- Repartição de Finanças – 1
- Conservatória e Registo Civil – 1
- Delegação Regional de Segurança Social – 1
- Zona Agrária – 1

- Lar de 3ª Idade (Santa Casa da Misericórdia) – 1
- Centros de Dia – 2
- Oficina do Idoso – 1
- Centros de Convívio – 4
- Instituições Bancárias – 6
- Caixas Multibanco (terminais ATM) – 7
- Estação de Correios – 1
- Praça de Táxis – 1
- Associações de Desenvolvimento Local – 1 (ADMC)
- Rádio Local – 1
- Jornais Locais – 1
- Bombas de Gasolina – 6
- Escolas de Condução – 2
- Clínicas Médicas – 1
- Laboratórios de Análises – 2
- Clínicas de Fisioterapia – 1
- Farmácias – 3
- Postos de Medicamentos - 1

Mármore:

- CEVALOR (Centro de Valorização Rochas Ornamentais) – 1
- Indústrias de Extracção / Transformação – 19
- Oficinas -

Estabelecimentos de Restauração:

- Restaurantes – 24
- Cafés – 26
- Pastelarias – 8
- Quiosques – 2
- Bares - 8

Indústrias Agro-Alimentares:

- Adegas – 27
- Queijarias – 22

- Salsicharias – 2
- Lagar da Cooperativa de Olivicultores – 1
- Produtores de Ameixa – 1
- Padarias – 7

Comércio e Serviços:

- Lojas de Antiguidades – 17
- Lojas de Comércio a retalho – 150
- Cabeleireiros – 7
- Estabelecimentos de Artesãos – 19

Colectividades

- Desportivas / Recreativas – 10
- Apoio Social – 5
- Desenvolvimento Local – 2

Alojamento

- Unidades de Turismo de Aldeia – 1
- Unidades de Turismo de Habitação – 2
- Hotel Rural – 1
- Residenciais – 4

A Vila de Borba cumpre, assim, genericamente os requisitos estabelecidos na Lei n.º 11/82, de 2 de Junho, para ser elevada à categoria de cidade, pelo que, ao abrigo das disposições constitucionais e regimentais aplicáveis, apresento do seguinte projecto de lei:

Artigo único

A vila de Borba, no concelho de Borba, é elevada à categoria de cidade.

Assembleia da República, 5 de Janeiro de 2007

A Deputada

Paula Nobre de Deus

O Deputado

Bravo Nico